



CULTURA

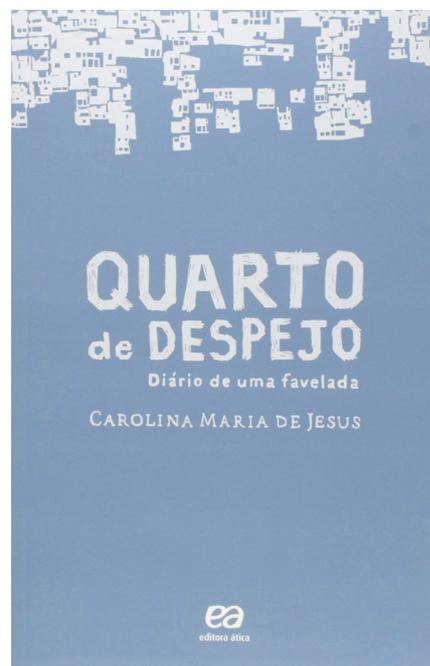
FOME, CAROLINA DE JESUS

Texto: Fabiana Damásio



Carolina Maria de Jesus. | Foto: Reprodução

Dentre os livros que me acompanham, um em especial, tem estado mais presente em tempos de Covid-19. O título é “Quarto de Despejo: diário de uma favelada”, de autoria de Carolina Maria de Jesus. Decidir sobre que livro quero ler, em um dado momento evidencia o que me inquieta. Estas inquietações se avizinham e afundam-se no meu silêncio. As biografias e os diários, pois prenunciam a alma de outrem para além da natureza de escrita. O Quarto de Despejo foi morar na minha cabeceira, desde quando fui a Moçambique, em 2017, trabalhar no campo da saúde e segurança alimentar, em zonas de grande pobreza, vulnerabilidade e fome. Carolina, em sua narrativa, me contou o dia a dia de uma família que mora na favela, como vivem as pessoas e a sua luta incessante para garantir o ganha-pão. Com o dinheiro que recebia da venda de papelão, compravam exclusivamente a comida básica para matar a sua fome e a dos seus três filhos. Sabão ou acessórios de cozinha, viram supérfluos quando se tem fome. Em cada dia do seu diário, aparece não só a sua luta, mas o sentimento vivo e sofrido de alguém que levanta todos os dias, em busca de alimento, para garantir a sobrevivência. A fome protagoniza o horror que dói nas pessoas incessantemente. A comida que se apresenta como possível sustentar a condição de sobrevivida, sem dar a quem tem fome o direito de fazer nada além disso.



A fome sequestra do ser humano a condição de viver. Por outro lado, a fome de palavras de Carolina, garantia lucidez em meio à adversidade. Palavras que foram reveladoras de um cotidiano, em que define a favela como o quarto das surpresas, onde "os favelados comem quando arranjam o que comer", como disse ela. Da década de 50, Carolina, enuncia o tempo pretérito que perdura em pleno século 21. Na década de 80, a sociedade foi alertada por Betinho, quando disse que quem tem fome tem pressa. Hoje, diante de uma grave pandemia, que também afeta duramente o Brasil, novamente o fantasma da fome que sempre seguiu persistente, aparece na luz do dia das desigualdades sociais. De modo frequente, os jornais publicam notícias que os impactos da Covid, tendem a ser maiores entre os mais vulneráveis.

O Brasil tem alta densidade populacional e, segundo os dados apresentados em 2018 pela Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO), 5,2 milhões de brasileiros passam fome. A Covid-19, vem desvelando a fome presente no país em dois sentidos: a já existente, e que se faz visível, seja nas favelas, seja entre moradores de rua, e a que se manifesta entre os que trabalham, para garantir o prato de todo dia, e que neste momento estão sem condições de realizar suas atividades, e que não tinham reservas para seguir comendo e garantindo sua sobrevivência. Numa linha histórica da fome, todas as políticas estruturadas em maior ou menor grau, a depender da vontade política e dos planos de governo, ainda não foram suficientes para sanar uma das mais pungentes formas de violação da dignidade humana. Carolina, com a sua narrativa contundente, enuncia a dor de quem não tem o que comer, e traduz com afinco o que hoje a Covid-19 evidencia: a fome no século 21, revela as desigualdades sociais incrustadas nas formas de organização social, cristalizadas ao longo da história. Hoje, o isolamento tem sido a condição essencial para evitar a contaminação, e nos convoca a sustentar o direito à saúde para cada cidadão e a diminuir mortes pelo Covid-19. E não pode ser para o pobre um ato de despejo. O exercício de garantia de equidade e justiça social, é de responsabilidade de um coletivo de uma sociedade, que precisa fazer emergir de modo genuíno, o exercício da solidariedade como lição de empatia e condição necessária de sobrevivência. Acabar com a fome, é um antecedente para sustentar a vida com dignidade, principalmente em tempos de pandemia, e seguir com os demais cuidados à saúde. Como disse Carolina: "A comida no estômago é como combustível nas máquinas. (...) Comecei a sorrir como se estivesse vendo um lindo espetáculo. E haverá espetáculo mais lindo que comer?"